

ATÉ OUTRO DIA

14.1.65

Aviso aos raros mas sempre possíveis interessados que, a partir de amanhã, o *Trivial* sairá com irregularidade. Esse vosso modesto cozinheiro do quotidiano vai dar uma volta. Honrado, entre outros jornalistas — Celso de Sousa e Silva, Márcio Moreira Alves e Cláudio Abramo — para uma visita à Índia, onde ficaremos duas semanas, recebi com alegria o convite, não só pela oportunidade de conhecer alguma coisa daquela grande república como pela de repousar um pouco desta nossa.

É possível que me detenha em algum outro país. De qualquer modo, sempre que puder mandarei algum recado, para não perder o contato com o leitor, nem, o que é mais grave, o emprêgo no Jornal. Sim, trabalharei menos; em compensação voltarei melhor, pois, como é sabido, *les voyages forment la jeunesse*.

Espero que todos se comportem bem na minha ausência. Não estou me referindo ao Coronel Borges e ao Coronel Fontenele, casos especiais, que deixo entregues ao Governador Lacerda, que os inventou. Refiro-me ao Governador e aos demais políticos, executivos ou legislativos, cassados ou cassadores, paisanos ou de farda. Por fazer, não façam nem inventem *complot* nenhum, nem ferroviário nem aéreo ou submarino, não suscitem IPMs nem adendos à Constituição, não deixem o Dr. Roberto Campos ser demasiado operacional, não rifem a Petrobrás nem aterrem e loteiem a Lagoa Rodrigo de Freitas para pagar a dívida externa, não cobrem impôsto sobre o banho de mar nem taxas sobre o luar. Conservem este País mais ou menos assim mesmo. Não é que esteja grande coisa, mas meu medo é que esse pessoal comece a ter idéias e então piore tudo. Um amigo meu, que andava muito preocupado com o salário mínimo, achando que é impossível a alguém viver com o atual, sonhou outro dia que o Governo anunciara bruscamente sua alteração. Diminuíra o salário mínimo de 5 mil cruzeiros, explicando que se tratava de um sacrifício temporário em benefício do Dr. Bulhões — perdão! — da política antiinflacionária do Sr. Bulhões. Telefonou-me contando seu pesadelo e dizendo que, se eu quisesse, poderia contar isso numa crônica. Ponderei que não, talvez não fôsse conveniente: o Dr. Bulhões poderia achar a idéia magnífica, o Ministro do Trabalho iria para o rádio apelar para o espírito patriótico de nosso proletariado, o Dr. Roberto Campos explicaria isso em uma conferência para as massas do Country Clube como ousada e feliz aplicação da teoria inglesa do *development through self-restraint*, e como nenhum de nós leu esse livro que iríamos fazer?

Bem, meus filhos, adeus. Se encontrar na Índia algum *Manual do Faquir* traduzirei na volta para uso de nossas camadas populares que através da força espiritual poderão fazer milagres orçamentários; o título em português talvez seja *Como Não Comer Bulufas e Continuar Vivo* e talvez dê uma boa comédia musical para os festejos do IV Centenário, para ser montada mediante a emissão de *bônus* reembolsáveis com sorteios mensais de casas populares, gordinis e patinetes, garantia do Tesouro Nacional com correção monetária, tudo na base cooperativa, juros de 10 por cento ao mês recebidos adiantadamente, cláusula ouro, retretas e distribuição gratuita de Coca-Cola para a garotada. Até outro dia; divirtam-se.